



ÁGOR@
ISSN - 2447-8377

REVISTA ACADÊMICA DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA DE LÍNGUAS
PORTUGUESA**

BRUNO ANTUNES DOS SANTOS NETO¹
Orientação: MARIA DO ROSÁRIO ABREU SOUSA²

DA MARGINALIDADE NA LITERATURA

RESUMO

Procuramos demonstrar em nosso trabalho como a literatura marginal cria possibilidades de pensamento e de transformação da realidade. Nosso problema consiste em entender qual a natureza dessas relações literárias com a realidade em sua volta. E partir deste entendimento perceber o exercício da literatura como criadora de mundos possíveis e como ela os engendra. Utilizar-nos-emos dos filósofos franceses Henri Bergson, Gilles Deleuze e Felix Guattari para auxiliar nossa investigação dos problemas estéticos. E as poesias do poeta Sérgio Vaz como demonstração prática da potência criadora da literatura marginal. Compreende-se então que a literatura se torna capaz de criar quando abandona o papel convencional da linguagem, o de comunicar e, se instala no interior das coisas por um esforço de intuição. Tomado por este movimento o escritor é capaz de forçar a sintaxe e tornar a linguagem afetiva. Desde modo, o leitor é afetado pela literatura. Queira ou não, ele é impulsionado a pensar e vivenciar o que lá está escrito. Abre-se assim, um mundo de possibilidades, seja para o pensamento ou para a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Marginal. Filosofia da Diferença. Sérgio Vaz.

¹ Acadêmico do Curso de Letras da Unimes Virtual

² Professora orientadora. Possui graduação em Letras Português /Francês - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1984), graduação em Pedagogia, Universidade Bandeirante (2006), mestrado em letras Universidade Mackenzie (2008), doutorado em letras Universidade Mackenzie (2012). Bolsista Capes/ Plataforma Paulo Freire (2011-2015). Atualmente é coordenadora do curso de Letras da Universidade Metropolitana de Santos.



1. INTRODUÇÃO

Antes mesmo que nos propuséssemos a começar este trabalho o tema já havia saltado ao nosso espírito. É que o sentido vem primeiro que a forma. De modo sucinto, podemos dizer que o escopo de nossos esforços se concentra no tema da *literatura marginal*. Isto é, da literatura que reside à *margem*, e que por isso cria *mundos de possibilidades* e nos força a pensar novos tempos, não só em literatura, mas também nos afetos. Nossa intenção não é a de conceituar ou definir o que é uma literatura marginal, mas sim encontrar nessas literaturas *menores*³ - no sentido que o filósofo Gilles Deleuze emprega ao termo – e em suas diferentes linhas pontos que convirjam e nos levem a entender um pouco das relações e da constituição destes *mundos possíveis* através da literatura marginal.

Quando falamos em literatura temos em mente um universo abrangente, que se estende muito além do universo da linguagem em seu sentido usual. Entretanto, é através da linguagem que a literatura pode tocar o mais profundo de nossas sensações e sentimentos. Vezes ou outra insurgindo como um bloco delas, desmoronando sob nossas cabeças ou entre as nossas pálpebras e mesmo, atravessando as nossas gargantas. É por esta razão que justificamos a escolha deste tema e, do papel da literatura marginal como gênero literário que expressa os sentimentos e sensações em movimentos minoritários, isto é, movimentos à margem de padrões estabelecidos. A literatura marginal nos faz enxergar acontecimentos que não podemos ver na luz do senso comum, afetos que se situam à margem destas nossas cabeças racionais, destes nossos olhares interessados ou destas nossas gargantas inflamadas de moralidade.

Disto destacamos o problema principal de nosso trabalho e, nos perguntamos: qual a natureza das relações que evocam uma literatura marginal? Em outras palavras, gostaríamos de investigar a literatura em sua atividade criadora, distante da função que tem quando simplesmente comunica ou retrata os acontecimentos. Queremos investigar o movimento da literatura quando ela extravasa a forma da palavra e a convencionalidade da língua e cria novos sentidos e com eles blocos de sensações ou sentimentos que só se pode experimentar estando “dentro” da obra literária. Qual seria a natureza dessas relações e da expressão estética que cria?

Distante da intenção de definir este gênero de literatura, nosso objetivo é compreender através da literatura marginal como a linguagem se expressa quando se propõe a criar. Quais os traços, os caminhos, os timbres, os odores que perpassam estas potências capazes que criar inclusive outra língua dentro da linguagem. Isso porque entendemos a linguagem como movimento incessante que tem na realidade seu plano de imanência e que, portanto, se transforma com eles. É no liame entre a linguagem e os acontecimentos que pode surgir uma

³ “Vale dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida).” (DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix, 1977, p.28).



literatura capaz de criar blocos de sensações ou sentimentos jamais provados. E mais, entender quais as condições e as consequências desencadeadas deste tipo de se fazer literatura.

Daí deriva a importância deste trabalho, compreender as consequências da literatura - em nosso caso especificamente a literatura marginal- em nossas vidas. Quais as mudanças, transformações e impactos a literatura pode causar em nossos afetos. Buscamos ressaltar a importância da literatura marginal por sua natureza intempestiva e criadora. Gênero insólito que possibilita movimentos literários e que provocam nos afetos efeitos inesperados. Forçando o pensamento à medida que a linguagem é forçada. Em um mundo inundado por informações, compreender o caminho inverso da linguagem nos parece uma tarefa de extrema importância.

Em nosso trabalho utilizamos da seguinte metodologia para realizar uma boa pesquisa: leitura estrutural dos textos de cunho literário e filosófico e pesquisa qualitativa das fontes bibliográficas. As obras consultadas em nossa pesquisa bibliográfica foram: *O pensamento e o movente*, de Henri Bergson, *Crítica e Clínica*, de Gilles Deleuze, *Kafka: por uma literatura menor*, de Gilles Deleuze e Felix Guattari e os livros *Literatura, pão e poesia* e *Flores de alvenaria* de Sérgio Vaz. Tomamos a seguinte postura diante dos textos por serem problemáticas que envolvem uma grande diversidade de temas e orientações, de modo que, a leitura estrutural e a pesquisa qualitativa nos fornece um viés mais seguro para a pesquisa, especificando as temáticas de que nos servirmos a fim de garantir precisão de entendimento ao leitor.

Começamos esta pesquisa observando como a literatura atua e se transforma com o avançar das eras e em decorrência dos acontecimentos que circundam o meio dos autores. Percebemos que o papel da literatura, bem como das artes em geral, é fundamental nesse movimento de transformação das eras e dos acontecimentos. Escolhemos então a literatura marginal, por uma questão de simpatia e de nos suscitar um espírito latente de transformação. Não procuramos entender a literatura marginal como um gênero, mas sim encontrar uma espécie de marginalidade na literatura. E a partir desta escolha nos propomos a iniciar a discussão supracitada nos baseando em textos de filosofia e depois em algumas obras de literatura marginal brasileira para demonstrar o que discutimos ao longo do trabalho.

Para nos ajudar a compreender melhor a temática nos apoiaremos no pensamento de três filósofos franceses: Gilles Deleuze, Félix Guattari e Henri Bergson. Ao longo de suas obras, em especial Deleuze, guardaram um espaço significativo para a especulação em torno da literatura e por esta razão os utilizaremos. E como expoente da expressão literária marginal: o escritor brasileiro Sérgio Vaz. Este nos ajudará a demonstrar de forma prática, isto é por suas obras o que especulamos em teoria.

Iniciaremos o nosso trabalho com algumas considerações sobre o termo “literatura marginal” e iremos atrás de suas raízes na literatura brasileira. A partir desta base iremos procurar a característica essencial de uma *marginalidade* e das condições de sua possibilidade em literatura. Investigaremos as dimensões estéticas, éticas, sociais e políticas que comungam e se relacionam com a literatura marginal. Num segundo momento uniremos forças com o pensamento de Bergson para compreender através do conceito de *intuição* como a literatura



marginal é possível. O terceiro momento de nosso trabalho visa demonstrar de forma prática as relações e potencialidade da literatura marginal, em seu processo criador. Faremos isso aliado ao pensamento dos filósofos Deleuze e Guattari e, as poesias de Sérgio Vaz. Concluiremos com os resultados deste encontro das expressões estéticas com os nossos afetos e das implicações sociais e políticas que esta relação literária torna possível.

2. POR UMA LITERATURA MARGINAL

Toda literatura que quebra padrões e engendra movimentos é, por natureza, uma *literatura marginal*. Embora este termo seja ainda recente e não tenha qualquer pretensão de definição, os sentidos de uma literatura marginal podem ser percebidos por estes atributos: quebra de padrão e criação de movimento. Se nos voltarmos ao passado para remontar o primeiro registro histórico do termo no meio literário brasileiro chegaremos a alguns autores da década de 1970, coincidentemente em um período triste da nossa história: a ditadura militar brasileira. A maioria deles era jovem de classe média e vivia um processo de insurgência contra o poder político da época, tema recorrente em suas obras. O estilo da escrita e os tipos de linguagem também marcavam o tom *transgressor* desse movimento. Bem como a forma de edição e divulgação das obras que se desvinculava dos meios comerciais de produção e circulação literária. São os escritores os responsáveis por produzirem artesanalmente seus próprios livretos e fazer sua distribuição à mão. Estes autores escreviam textos de cunho crítico-social que abordavam temas considerados tabus para o senso comum da época e que, portanto, afrontavam as normas morais e políticas vigentes. Seja pela imposição dos modelos tradicionais de estética e cultura arraigados no conservadorismo da sociedade brasileira ou pela violenta repressão que a ditadura militar exercia no período.

Caminhando um pouco no tempo, percebemos que o emprego do termo *literatura marginal* se desloca desse contexto e alcança um novo significado. O uso recente do termo nos leva às periferias das cidades. Aos escritores e poetas das comunidades e favelas deste nosso Brasil. Escritores sem muito conhecimento da língua culta que recriam a linguagem para expressar o íntimo de suas vivências: sofridas, esquecidas e silenciadas. As más condições de saneamento, a fome, o desemprego, a violência, a criminalidade e os outros problemas têm voz através desses escritores. Ecoa também pelas obras destes autores as diversas expressões estéticas e culturais produzidas pela comunidade das periferias: do samba ao rap, das paredes pixadas ao artesanato de rua e, de quebra, a alegria ímpar como forma de resistência frente às adversidades. A arte surge como o grito de um povo que resiste e se afirma contra a repressão social. A linguagem utilizada é composta de gírias e dialetos próprios de cada comunidade e o estilo de escrita se diversifica desde a grafia até a estruturação dos versos. A literatura marginal, assim entendida, compreende a literatura produzida pelos escritores das periferias. Autores que



estão à margem, no sentido social da palavra, e que produzem em suas obras problemáticas que só se pode tocar estando “da ponte pra cá⁴”, isto é, do lado marginalizado da sociedade.

Ao observar estas duas tendências de literatura marginal, constatamos o sentido que demos ao termo *literatura marginal* e, os atributos: quebra de padrão e criação de movimento. Quebra de padrão; nos temas retratados ou no estilo da escrita e da linguagem e, criação de movimento; quando ao recriar a linguagem se engendra novos significados e mesmo um novo gênero, pois destoa de os gêneros ortodoxos e estabelecidos. Contudo nossa intenção não é a de definir ou conceituar a literatura marginal, nem de caracterizar e explicar os movimentos supracitados, mas sim, conhecer as relações por detrás da expressão estética. Animados por essa pretensão fomos conduzidos a enxergar além dos atributos mencionados a pouco, um *espírito marginal*, expressado na própria vida daqueles que escrevem. E neste sentido, a função destes textos extrapola o âmbito literário e faz da vida individual e social do escritor o plano de imanência de onde sua arte brota. O escritor é empurrado pela necessidade interna e externa a “resolver” os problemas, nem que seja por poemas. Cabe ressaltar que na literatura brasileira muitos são as personagens e figuras retratadas em condições marginalizadas, como por exemplo, nas obras de Gregório de Matos ou de Aloísio Azevedo. Porém estes não vivenciam a situação de marginalizado, apenas representam a condição do outro, pelo “lado de fora” da coisa. Diferentemente na literatura marginal são os próprios autores quem sentem aquilo que escrevem e quem vivenciam o texto na pele, no sangue e no suor. Portanto não se trata apenas de um problema estético, mas também de um problema ético.

Isto porque o que escreviam não eram meras abstrações ou representações de uma realidade exterior, mas de uma realidade interior, vivenciada e, que é a condição de expressão do próprio escritor. É a “morada do ser⁵”, seu estilo de vida, seus valores e suas práticas que comungam e impelem o autor a criar sua arte. É a necessidade tomando a forma de realidade e forçando ação. É necessário sentir o problema e o poema na pele. Com isso não queremos dizer que é a individualidade do autor quem cria, mas sim os agenciamentos com os contextos, as condições e as vivências que este experimenta. Aquilo que tange a vida ética está intimamente ligada à vida social e política, bem como a escrita. O autor nunca escreve como indivíduo, mas como a voz dos que não podem dizer e, como letra para aqueles que não sabem escrever e, feito fôlego aos fadigados da labuta. O problema é estético, é ético e é também, social-político. A linguagem perde sua função de comunicação. Não se trata de comunicar um acontecimento ou informar sobre um problema, nem mesmo de retratar ações e emoções do ponto de vista de quem escreve. Trata-se de criar uma linguagem que dê conta de problemas e acontecimentos extremamente únicos possibilitando transformação frente à realidade social. É esse o sentido que iremos empregar daqui para frente quando nos referirmos à literatura marginal: uma literatura que, além de quebrar padrões e criar movimentos estéticos, *viva* a própria arte.

⁴ Referência à música *Da ponte pra cá*, Racionais MC's.

⁵ O termo “morada do ser” é o significado original da palavra grega *ethos*, que originou a palavra *ética*.



2.1 Introdução à intuição

“Um pouco de possível, senão eu sufoco”, disse certa vez o filósofo Gilles Deleuze. Naquela ocasião comentava sobre outro filósofo, Michael Foucault, mas podemos usar essa frase para ilustrar o nosso problema. O escritor da literatura marginal quando escreve não se limita a descrever acontecimentos ou a representar situações e sentimentos, sua intenção é criar possibilidades de superar ou de transformar a realidade que está inserido. Isto porque o escritor vive o que escreve ao mesmo tempo em que escreve o que vive. Podemos dizer então que esta literatura cria mundos, mundos de possibilidades. A literatura habita o mundo como possibilidade e o escritor -ou o leitor- habita o mundo através da literatura. Isso só é possível por um esforço de *intuição*. Mas não uma intuição qualquer, não um pressentimento ou uma percepção, mas sim, no sentido que o filósofo Henri Bergson dá ao conceito. De maneira muito breve, para o filósofo conhecemos a realidade a partir de dois métodos diferentes: o da *análise* e o da *intuição*, do primeiro se retém apenas um conhecimento representado da realidade e do segundo um conhecimento dela mesma: “Chamamos aqui intuição a *simpatia* pela qual nos transportamos para o interior de um objeto pra coincidir com o que ele tem de único, e conseqüentemente, de inexprimível.” (BERGSON, 2006, p.187). O que queremos dizer através de Bergson é que se o escritor pode criar um mundo de possibilidades pela literatura, ele o faz pela capacidade de se instalar no interior das coisas, da realidade mesma, imanente.

A fome sabe
onde o pobre mora,
e a felicidade não sabe andar
nos becos e vielas.

A Geografia da dor
registra no mapa
gente viva
com a barriga morta.

O arroz e o feijão
alegam não ter nada a ver com isso.
Quem se importa?

No vazio do garfo e da faca,
o tempero da revolta.

(VAZ, Sérgio, 2011)

A poesia *Geografia da dor* de Sérgio Vaz afirma o que dizíamos anteriormente, instalado na realidade mesma tudo tem vida: a fome, a felicidade, o arroz e o feijão. Os acontecimentos internos da poesia que denuncia a fome se utilizam de outro tipo de linguagem:



ela não comunica um acontecimento nem retrata um episódio de fome, também não representa nenhum personagem faminto ou estória contada. A linguagem, como dizíamos anteriormente, cria para si outro papel, outra função e de dentro da realidade a intenção do escritor não é a de comunicar, mas sim a de afetar. O poeta Sérgio Vaz não tem intenção alguma de comunicar a quem é de fora como é a vida na favela. Não é sua intenção retratar os episódios da vida cotidiana ou representar personagens, mesmo quando o faz é com outra pretensão. Chocar o leitor e confrontá-lo frente à aspereza da realidade e, para isso é necessário que ele crie todo um mundo. A fome tem intencionalidade e a felicidade não conhece o caminho. O arroz e o feijão são entes omissos. A geografia sente. E deste modo se cria através da linguagem um mundo inteiro de possibilidades. Assim a literatura torna possível o que era antes impensável e nos força a pensar os problemas, nos imerge nele. Imerge-nos em blocos de sensações, sentimentos e sentidos nos causando o estranhamento necessário para nos afetar. E se assim o faz é somente na condição de submergir e transformar a realidade, mesmo que seja através das potencialidades de sua obra. A nós parece claro que a natureza dessas relações é *intuitiva*, ao sentido de Bergson e que a intuição é o caminho pelo qual a marginalidade é possível.

2.2 Uma língua sem boca

Uma vez que o resultado dessa *intuição* é a criação de um mundo de possibilidades inteiramente novo, a linguagem também se expressará de maneira diferente do convencional. Na poesia acima podemos perceber que a “fome” se torna uma personagem, ela muda de *natureza*. Mas também a linguagem é necessariamente forçada a se constituir de outra maneira. A fim de dar conta de problemas novos e criar possibilidades novas a linguagem tem de forçar a sintaxe. É também necessário, forçar a semântica. Forçar nas próprias palavras outras significações. “Vida Loka é quem estuda”; é assim que o poeta Sérgio Vaz incentiva a molecada a estudar. Ele força nas palavras um novo sentido e cria, portanto, uma nova língua de dentro da linguagem. Ele cria uma significação para a expressão “vida loka” que antes seria absurda, sem sentido. O encontro da “vida loka” com a educação, com o estudo. Mesmo dentro das gírias e dos dialetos, que já são línguas dentro de outra maior, a necessidade de criar novos sentidos e forçar sintaxe ou semântica pulsa no interior desse espírito marginal. Façamos uma ponte com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze quando este especula sobre os problemas da literatura e afirma:

O problema de *escrever*: o escritor, como diz Proust, inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Ele traz à luz novas potências gramaticas ou sintáticas. Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a *delirar*. (DELEUZE, 1997. p.9).



Despido do interesse de tentar representar determinada realidade ou comunicar ao leitor uma verdade, o escritor de *espírito marginal* entende sua obra como criação pura. Deste modo leva a linguagem para longe de seu uso convencional e neste esforço torna possível o exercício de forçar a linguagem a criar uma nova língua. Gostaríamos de tomar de empréstimo a noção de *literatura menor* de Deleuze para entender o nosso problema. Para o filósofo francês “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.” (DELEUZE, 1977, p.25). No entanto é importante deixar claro que este esforço do escritor não revela suas impressões ou sensações pessoais, somente revela a potência da vida, da realidade imanente pulsando através do escritor. É a realidade quem força o escritor a forçar a linguagem. O escritor é apenas o receptáculo por onde as forças passam. Como se pode constatar neste outro poema de Sérgio Vaz:

Executaram o menino
que morava na rua de baixo
com cinco tiros.

Um matou ele,
o outro a mãe,
o terceiro o pai,
o quarto o irmão.

O quinto
foi um recado,
e pegou de raspão
no bairro inteiro.

(VAZ, Sérgio, 2016.)

A língua menor se faz através de movimentos minoritários, isto é, de movimentos estéticos e éticos que figuram à margem da linguagem ou da ordem social estabelecida. O escritor em sua sensibilidade os sente e os transforma através de sua obra. Cria para eles blocos de sensações ou de sentimentos. Dá vida onde ela se aprisionaria. Por isso é necessário forçar a linguagem e suas ordens. O senso comum acostumado com a linguagem ortodoxa e com padrões e ordenamentos linguísticos todos definidos sente em si um *estranhamento*. Literatura dos afetos que realiza o encontro do *pathos*⁶ com os movimentos minoritários.

Concretaram tudo,
as calçadas

⁶ Palavra de origem grega que designa o afeto de ordem estética.



as ruas
a paz
o amor.
É tudo pálido e cinza
onde cabia
beleza em nossos olhos.
Dizem por aí
que ainda há flores
nos corações dos loucos.
Falta pouco,
mas ainda não asfaltaram a utopia.

(VAZ, Sérgio, 2016)

Fazer durar a sensação. Fazer durar o sentimento. Fazer durar os blocos estéticos, que também são éticos e políticos, através da literatura. Essa é a função do escritor enquanto *marginal*. Fazer com que o *estranhamento* dure no interior daquele que lê. Prolongar no leitor todas as tensões provocadas por estes blocos. O artista não quer comunicar nada a ninguém. Ousamos dizer que para o artista, a maior ambição é a de prolongar os afetos produzidos pela arte no corpo e no espírito daqueles que a recebem. O escritor já transforma a realidade à medida que cria sua obra e introduz no mundo novas potencialidades, mas a riqueza da arte é ainda maior. Fazer com que os afetos, sensações e sentimentos tenham vida dentro do espectador. Para que de ânimo renovado estes possam avançar em seus próprios movimentos minoritários e transformar a realidade tal qual a literatura marginal faz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de concluir o nosso trabalho com algumas considerações a respeito dos caminhos que trilhamos para compreender os problemas aqui levantados nos movimentos das *literaturas marginais*. Ressaltamos o caráter fluído das obras e dos pensamentos aqui apresentados. Sentimos que assim temos maior liberdade para especular e desenvolver as ideias e os problemas segundo a evolução de nosso raciocínio, sem perder de vista o movimento próprio de cada uma de nossas referências. Dizíamos que uma literatura marginal é aquela que apresenta dois atributos primordiais: o da quebra de padrões e o da criação de movimentos. Observamos esta presença nas duas tendências que a literatura marginal toma na história da literatura brasileira, seja no na década de 1970 e os subversivos poetas ou no momento recente e os poetas da quebrada.

Residia, portanto, um espírito marginal que independente da época histórica impulsionava a literatura e apresentava em suas obras vivacidade de criação e de experimentações que quebravam os paradigmas estéticos. É nesse ponto que nos concentramos, pois dessa criação surgem possibilidades não só no âmbito literário, mas também na realidade



que nos circunda. São literaturas que não possuem a intenção de retratar os acontecimentos e, quando o fazem é sob o pretexto de mostrar aquilo que o acontecimento revela quando oculta. É quando se toca o íntimo da realidade no tecido dos acontecimentos.

Diante destas constatações nos perguntamos qual seria a natureza dessas relações que tocam o íntimo da realidade e da qual a literatura marginal teria parte. Para nos auxiliar com este problema utilizamos o conceito de *intuição* do filósofo Henri Bergson. Por intuição entendemos o método que se instala no interior das coisas e participa com elas em seu movimento ao invés de observar o movimento de fora. É através deste tipo de esforço que o escritor pode se instalar no interior da realidade vivida e fazer da expressão estética um problema ético, social, animal e etc. A literatura marginal não escreve aquilo que quer ver, mas aquilo que foi forçada a ver. Experimenta-se o que se escreve.

E então o que se escreve não é obra de um autor, senão de vários. O autor é somente aquele que recebe e psicografa as diversas manifestações da vida que pulsam na realidade vivente. O poeta Sérgio Vaz nos demonstra isso em sua poesia *Geografia da dor*, e podemos observar como a vida se infla de outros ânimos e como sensações e sentimentos ganham vida pela literatura. Voltamo-nos ao nosso objetivo de entender como a escrita pode se enveredar na intuição como método para uma literatura marginal. De que maneira o escritor pode tornar a linguagem afetiva.

Neste momento nos direcionamos ao pensamento dos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari que nos deram indícios de como a linguagem pode se tornar afetiva com a literatura. E que isso só é possível quando a linguagem perde seu sentido convencional de comunicação e passa a ter outro sentido: o de criação. Deste modo, o escritor é forçado pela natureza intuitiva da realidade das coisas – da vida – a animar a linguagem forçando a sintaxe para produzir novas semânticas e significações. Criando assim uma nova língua dentro da linguagem estabelecida. O conceito de *literatura* menor foi de extrema importância para entendermos a noção criadora do exercício literário frente à rigidez das normas linguísticas. Torna-se praticamente uma necessidade a arte de quebrar os padrões ortodoxos da linguagem a fim de engendrar movimentos e devires em nossos afetos.

Desta maneira podemos perceber que a literatura marginal tem por intenção afetar e produzir naqueles que a experimentam sensações e sentimentos inovadores. Dizíamos no corpo do nosso trabalho que uma expressão estética é capaz de desembocar em nós blocos de sensações e de sentimentos e que esses blocos ao se chocar conosco nos força o pensamento e também a ação. Não nos é permitido pestanejar frente a eles. O problema estético se torna além de ético, social e político. Que nos desculpem a pretensão em afirmar que a intenção do escritor de literatura marginal é fazer com que estes blocos de sentimentos se prolonguem no corpo e no espírito dos leitores. Para que assim, afetados pela Arte encontremos possibilidades outras aos nossos afetos. Transformar os afetos para transformar a realidade.



ÁGORA@
ISSN - 2447-8377

REVISTA ACADÊMICA DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES



REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora. 34, 1997.

VAZ, Sérgio. *Flores de alvenaria*. São Paulo: Global, 2016.

VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. Global, 2011.

Para citar este trabalho:

NETO, Bruno Antunes dos Santos; SOUSA, Maria do Rosário Abreu. **DA MARGINALIDADE NA LITERATURA. Revista Ágora. Unimes Virtual. Vol.3. Número 4. Dez.2019/Jan.2020. Disponível em:**

<https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/formacao/index>